

feminismo e utopia

SUSANA BORNÉO FUNCK

Até muito recentemente, a representação da mulher na literatura era feita a partir do desejo heterossexual masculino, tanto nas ficções escritas por homens quanto naquelas produzidas por mulheres. Pois ninguém cria seu mundo ficcional do nada. Escreve-se a partir de uma tradição literária, negociando-se entre significados herdados e posicionamentos alternativos, mas sempre em relação ao que está culturalmente disponível.

Sem querer discutir a fundo a emergência do gênero como categoria de análise ou detalhar o desenvolvimento da crítica literária feminista, apresento aqui, a título de introdução, algumas considerações sobre as mudanças ocasionadas pela segunda grande fase do feminismo ocidental.

Nos últimos 20 anos a crítica literária tem se preocupado sobremaneira com a relação entre a literatura e a mulher - enquanto leitora e escritora. Uma tradição vem sendo (re)criada e teorias de produção literária vêm sendo (re)formuladas. Iniciada com movimentos radicais da década de 60 e formalmente instituída com a publicação de *A Política Sexual* de Kate Millett em 1970, a crítica feminista em seu estágio inicial procurou revelar a misoginia existente na Instituição literária através do questionamento dos estereótipos femininos e dos critérios clássicos de excelência. As mulheres, a partir daí, começam a perceber que sua experiência - enquanto escritoras, leitoras, críticas e professoras - não pode ser equiparada à dos homens, geralmente tomada como norma.

A partir desta constatação, aparentemente simples mas profundamente importante, inicia-se um processo de redescoberta e reavaliação da produção feminina, que se constitui na segunda fase da crítica feminista, denominada de ginocrítica. Esta fase teve o mérito de mapear um território até então praticamente desconhecido e de estabelecer uma tradição literária paralela, especificamente feminina. Vários estudos pioneiros podem aqui ser incluídos, como os de Patricia Meyer Spacks (*The Female Imagination*, 1975), Ellen Moers (*Literary Women*, 1976) e Sandra Gilbert e Susan Gubar (*The Madwoman in the Attic*, 1979). Durante este período enfatizava-se o antagonismo. Havia pouca ou nenhuma preocupação com a teoria, associada que era com a fria racionalidade masculina.

Mas, conforme observa Elaine Showalter, "se a crítica feminista tem como mãe a causa das mulheres, é também filha do velho estatuto crítico patriarcal e tem que assumir a sua dupla origem" (1985:7-8; tradução minha). Num terceiro momento, portanto, a crítica feminista começa a ter que abordar questões teóricas relativas a produção, recepção e influência literárias, ou seja, a revisar o arcabouço conceitual herdado e a formular posições alternativas. O novo interesse pela teoria foi também incentivado pelo contato entre três correntes diferentes do feminismo: a norte-americana, com seu interesse sócio-histórico; a inglesa, com sua ênfase no marxismo e na cultura popular; e a francesa, de orientação psicanalista (Kristeva e Cixous).

A principal consequência dessa evolução foi o surgimento, em meados de 1980, da categoria "gênero" como instrumento de análise literária, uma categoria que juntamente com as de classe e raça havia sido apagada sob o impacto universalizante do humanismo liberal do século XIX. A partir da perspectiva do gênero, o texto literário passou a ser visto em relação ao discurso hegemônico como um instrumento de ideologia e como um dos lugares onde a subjetividade é construída. Teorias do sujeito começam a influenciar análises textuais feministas, conforme ilustram os trabalhos recentes de Catherine Belsey e Teresa de Lauretis.

Uma das mais produtivas e interessantes áreas de investigação tem sido a relação entre mulher e ficção, especialmente o romance e suas formas mais populares como a ficção científica, a fantasia, a utopia e o romance policial. O foco da análise vai desde as teorias de recepção até a estrutura narrativa e as convenções literárias, mas sempre enfatizando a ideologia patriarcal e o modo pelo qual a mulher pode criar posicionamentos não hegemônicos.

Para ilustrar a tendência analítica contemporânea, gostaria de mencionar três trabalhos representativos da investigação feminista publicados entre 1982 e 1990. A premissa de Rachel Brownstein em *Becoming a Heroine: Reading about Women in Novels* (1982) é a de que por muitas gerações as mulheres vêm emulando heroínas ficcionais na definição de suas identidades. Desde a paradoxalmente pura e sedutora heroína da literatura romântica até o que ela denomina a personagem "reflexiva" ou "consciente" da era realista e a mulher "fluida" da prosa modernista, argumenta Brownstein, a personagem literária tem seriamente afetado as vidas de suas leitoras na busca de "uma essencialidade reificada, coerente e de gênero" (xxv; minha tradução). O projeto feminista, na sua tentativa de desconstruir e revisar os scripts tradicionais de feminilidade, deve portanto lidar não com as idéias em si mas com as convenções narrativas em que tais idéias vêm expressas. Uma conscientização crítica do poder da linguagem e do discurso, onde premissas ideológicas estão embutidas, se constitui no primeiro passo em direção a mudanças.

Da mesma forma, para Rachel Blau DuPlessis em *Writing Beyond the Ending* (1985), as práticas narrativas acompanham práticas sociais, e as estratégias utilizadas pelo/a escritor/a podem reforçar ou quebrar estruturas dominantes de relacionamento e auto-imagem. Em suas palavras: "A narrativa em sua acepção mais geral é sempre uma versão ou uma expressão especial da ideologia: representações através das quais construímos e aceitamos valores e instituições" (x; minha tradução). Diferentemente de Brownstein, entretanto, DuPlessis focaliza as descontinuidades. Com o subtí-

tulo "Estratégias narrativas de escritoras do século XX", seu estudo investiga a forma pela qual romancistas contemporâneos colocam em questão formas narrativas ao deslegitimizar certas convenções literárias.

Baseada nas teorias marxistas de Raymond Williams e em menor escala Althusser, DuPlessis vê a prática criativa como um *locus* de conflito e de mudança. Reconhece que um grande número de escritoras contemporâneas estão empenhadas em examinar como as práticas sociais relativas ao gênero têm impregnado as formas narrativas e, conseqüentemente, a se utilizar da própria narrativa para criticar e alterar a construção psicossocial e sócio-cultural da mulher. Mudanças na linha narrativa indicam uma crítica das normas sociais através de um processo de desnaturalização, isto é, um distanciamento entre o/a leitor/a e a expectativa de um modelo natural e universal.

Entre as várias táticas utilizadas para distanciar a narrativa das estruturas tradicionais da ficção, DuPlessis reconhece a quebra do desenlace tradicional (morte ou casamento para a heroína), a predominância do enredo romântico sobre o existencial e, o que é mais importante para nossa análise, a utilização de gêneros literários ditos "menores" para quebrar os limites da narrativa tradicional. "Se uma narrativa se lança do presente para o futuro," argumenta ela, "não podemos sentir o desenvolvimento social ou pessoal da personagem como fechado, ou nosso espaço de leitor/a como aberto" (178; minha tradução). Ao ler tais ficções podemos construir novas formas de subjetividade e sociabilidade e distanciarmo-nos dos modelos de identificação reconhecidos por Brownstein.

A ficção especulativa escrita por mulheres é também o objeto de investigação de Anne Cranny-Francis em *Feminist Fiction*, publicado em 1990. Conforme argumenta ela, a apropriação feminista dos gêneros populares é duplamente política. Por um lado, estas são as formas que, como as mulheres, já estão excluídas do estatuto literário "maior"; por outro lado, ao marcar em vez de naturalizar suas convenções narrativas, tal literatura expõe de forma mais marcada o sexismo e o racismo como práticas ideológicas hegemônicas.

A utopia literária tem, com efeito, uma longa história de resistência política, atestada por sua grande popularidade na literatura norte-americana das décadas de 1880 e 1890. Seu uso por socialistas e feministas é bastante significativo. Devemos entretanto tomar cuidado, como nos adverte Cranny-Francis, para não ver na ficção utópica feminista apenas uma modificação superficial da tradição utópica, ou seja, as mesmas estórias com personagens femininas substituindo os homens. O feitiço viraria contra a feiticeira. "A ficção utópica feminista deve proporcionar uma revisão radical dos textos conservadores, uma revisão que avalie criticamente o significado ideológico das convenções textuais e da ficção enquanto prática discursiva" (10; tradução minha).

Quer localizemos sua origem na *República* de Platão ou na *Utopia* de Thomas More (1516), de onde deriva seu nome, não podemos negar que o gênero utópico ocupa uma posição importante na literatura ocidental, mesmo que critérios mais rígidos de valor estético lhe atribuam uma posição marginal devido a sua caracterização como gênero híbrido entre a literatura e a teoria política*.

Conforme as convenções estabelecidas na Renascença européia, uma narrativa utópica tradicional consiste de uma viagem, empreendida sob a

orientação de um guia, a um outro lugar - que tem sido diferentemente definido como *eu-topos* (o bom lugar) ou *ou-topos* (lugar nenhum). Expressando os ideais de um capitalismo incipiente, sua preocupação primordial era com o Estado Ideal e seu maior objetivo de especulação era a estrutura política e as instituições públicas. Conforme observa Angelika Bammer em *Partial Visions: Feminism and Utopianism in the 1970s* (1991), as utopias tradicionais não se preocupavam com as estruturas essenciais de poder e de relacionamentos humanos, mas tão somente com instituições e sistemas administrativos (13). Assim, o modelo básico inicial é público e definido em termos masculinos e, portanto, político no seu sentido mais restrito. A preocupação com a esfera privada dos relacionamentos e da família estava restrita ao âmbito do romance e da fantasia. A figura utópica, geralmente uma ilha, era apresentada como epitome de perfeição, tornando-se desta forma um instrumento de crítica às instituições existentes no mundo real e permitindo que o/a leitor/a, ao escapar para um mundo fictício, se distanciasse dos problemas enfrentados no dia-a-dia.

Durante os séculos XVII e XVIII, sob o impacto do racionalismo, a utopia perdeu seu ímpeto enquanto forma literária para se constituir em prática política, tornando-se operacional e não mais teórica. Nova explosão da utopia literária tem lugar nas últimas décadas do século XIX, a partir das teorias de Fourier e de Owen. Desta vez a força motriz é o confronto das novas idéias socialistas com o estado capitalista. Na tradição anglo-americana os títulos mais representativos desta nova utopia são *Looking Backward* (1888) de Edward Bellamy e o mais politicamente engajado *News from Nowhere* (1890) de William Morris. Diferentemente da utopia de More, a figura utópica destes romances não é um lugar geograficamente distante, e sim um deslocamento temporal que coloca a ação no futuro (respectivamente Boston no ano 2000 e Londres no século XXI). A figura do guia é substituída por duas outras personagens: uma que se desloca até a utopia; e outra, que vem da utopia para o presente.

Apesar de seus ideais revolucionários, as utopias do século XIX deixam de enfocar desigualdades raciais e sexuais. O poder continua nas mãos de quem o detém no mundo real; a alteridade é reprimida ou eliminada. Como protótipo do Outro, a mulher continua a ser apresentada como apêndice social e psicológico do homem.

Se, conforme apresentamos neste breve resumo, a utopia literária surge como consequência de transições na filosofia política ou de rupturas históricas, ou ainda de mudanças na organização institucional do Estado, parece normal que as mulheres, excluídas da esfera pública, não tenham participado do mesmo ideal utópico - pelo menos não da mesma forma. Nas palavras de Angelika Bammer, "Da perspectiva da mulher... a utopia deve ser mapeada diferentemente. Pois se ela aparece sempre que se alteram as percepções de possibilidades, as utopias femininas devem necessariamente surgir quando as mulheres perceberem possibilidades de mudanças para **si mesmas**" (22; minha tradução, ênfase da autora).

Embora tenha havido um certo número de utopias escritas por mulheres ao longo da história literária, é no contexto do feminismo moderno que o

* Ver a respeito René Wellek e Austin Warren em *Theory of Literature* (1949) e, mais recentemente, Northrop Frye em "Varieties of Literary Utopias", em MANUEL, Utopias and Utopian Thought, 1967:25-40.

gênero utópico adquire preocupações específicas. Na sua primeira fase (final do século XIX e início do século XX) os romances utópicos escritos por mulheres tinham, na sua grande maioria, um cunho socialista. Eram, no entanto, extremamente conservadores na questão das relações de gênero. Suas personagens femininas incorporavam Ideais burgueses ao representarem as virtudes domésticas em oposição aos males do mundo lá fora. Amor e poder, família e carreira eram colocados em confronto, vencendo o amor e a família, naturalmente. Uma das poucas escritoras a superar essa dicotomia foi Charlotte Perkins Gilman, ativista política e autora de *Women and Economics* (1898). *Herland* (1916), seu famoso romance utópico (traduzido para o português com o título *Terra das Mulheres*), apresenta um mundo onde as contradições enfrentadas pela mulher são totalmente eliminadas. “Uma das primeiras utopias feministas a revelar sofisticação política e textual e a definir uma posição de leitura como estratégia de construção de uma subjetividade feminista” (Cranny-Francis 125; tradução minha), *Herland* é paradigmático das numerosas utopias que surgiriam nos anos 70, a partir dos movimentos radicais de liberação da mulher.

Explicitamente feministas ao atacarem não apenas o capitalismo mas principalmente o caráter patriarcal da sociedade, tais narrativas negam a validade dos discursos e instituições hegemônicas ao mesmo tempo que promovem uma redistribuição e reconceitualização do poder. Conforme afirma Carol Pearson em seu artigo “Women’s Fantasies and Feminist Utopias”, na sua crítica ao patriarcado essas utopias imaginam um mundo melhor para as mulheres ao enfatizar a divisão do poder; ultrapassando o modelo estritamente “político”, criam espaços imaginários onde o potencial feminino pode ser atualizado.

Nas páginas que seguem, estarei examinando o grande desenvolvimento da ficção utópica feminista na literatura norte-americana da década de 70 como uma crítica radical da prática narrativa e social. Seleccionei cinco romances publicados num período de aproximadamente dez anos: *The Left Hand of Darkness* (1969) de Ursula LeGuin, *The Kin of Ata Are Waiting for You* (1971) de Dorothy Bryant, *The Female Man* (1975) de Joanna Russ, *Woman on the Edge of Time* (1976) de Marge Piercy e *The Wanderground* (1979) de Sally Miller Gearhart.

A partir de uma perspectiva pós-estruturalista, estarei focalizando um aspecto importante da subjetividade feminina no qual a questão do gênero é fundamental: a maternidade. Pretendo, desta forma, privilegiar *scripts* narrativos que ofereçam novas e mais eficazes posições de sujeito para a mulher.

(Re)Visões da maternidade em utopias feministas

No dia 20 de novembro de 1976, na página de artigos do *New York Times*, a poeta e militante feminista Adrienne Rich publicava “Motherhood in Bondage”, onde denunciava a então generalizada resistência a aceitar que as relações entre homens e mulheres fundavam-se na situação da mulher como propriedade do homem ou de instituições por ele controladas. Apontava a maternidade, enquanto instituição política vinculada ao contrato heterossexual, como o nervo central do problema:

“Under that institution, all women are seen primarily as mothers; all mothers are expected to experience motherhood unambivalently and in

accordance with patriarchal values and the 'non-mothering' woman is seen as deviant".(197)

Diferenciando a experiência real das mulheres desta identidade institucional forçada, clamava por uma análise da maternidade como "uma experiência profunda e possível para as mulheres" com o intuito de despojá-las da mística que as envolve, e com a esperança de que homens e mulheres pudessem um dia experimentar formas de amor, sexo e parentalidade, de identidade e comunidade que não estivessem permeadas de "mentiras, segredos e silêncio".

Quinze anos mais tarde, no dia 18 de outubro de 1991, na coluna "Opinião" do Jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, o médico Franklin Cunha publica "Os Signos Femininos" assinalando que "as regras da sociedade androcêntrica sempre tentaram domesticar a sexualidade feminina" e denunciando "a condenação do uso e gozo da sexualidade erótica pela mulher e a idealização consagrada, universal e compulsória da maternidade". Embora a psicanálise, continua ele, tenha em parte revertido esse quadro através da recuperação da sexualidade para a mulher, "a maternidade ainda se encontra encoberta pelo entulho de tradições culturais primitivas", com as funções maternas impedindo que as mulheres reflitam mais analiticamente sobre sua condição e identidade.

Embora distantes em tempo, espaço e perspectiva, os dois artigos resumidos acima apontam para a inegável importância da sexualidade feminina e da maternidade no âmbito maior do projeto feminista - o da modificação das relações de gênero como forma liberatória e humanizante das relações sociais como um todo. A revisão dos conceitos associados à maternidade tem, com efeito, se constituído numa das maiores preocupações do feminismo contemporâneo. Buscando articular construções alternativas nas brechas dos discursos oficiais, tanto teóricas feministas quanto escritoras de ficção têm produzido textos que se contrapõem às práticas sociais dominantes dentro do capitalismo patriarcal, assim definido por Daly e Reddy na Introdução a seu recente livro *Narrating Mothers*:

"Under patriarchal capitalism, motherhood is largely about private property: the children are the property of the father who 'loans' them temporarily to the mother, whose duty is to raise those children according to the father's law. In turn, private property and the whole notion of ownership are about competition... Motherhood under the law of the white father requires that the mother love her own children to the exclusion of others, that she place her own children above other children, and that she see her own children's claims as a priori more valid than the claims of other children" (8).

As posições surgidas dos discursos não hegemônicos, entretanto, não são monolíticas nem mesmo semelhantes. Variam desde uma total erradicação da família biológica através da reprodução artificial, até uma extrema valorização da maternidade através da extensão da relação materna a todas as atividades humanas e práticas sociais. Representando tais posições, as utopias literárias feministas da década de 70 podem ser classificadas numa linha evolutiva que vai desde a negação da maternidade enquanto predisposição "natural" da mulher, até um mundo ecofeminista só de mulheres onde o poder feminino reside exatamente na identificação da mulher com a "mãe-natureza". É essa posição entre cultura e natureza que proponho investigar na discussão das utopias de LeGuin, Gearhart, Russ, Piercy e Bryant.

Embora não estritamente feminista em seus pressupostos, *The Left Hand of Darkness* de Ursula LeGuin merece ser incluído nesta discussão por sua clara percepção das dicotomias entre masculino e feminino e da importância da maternidade para a manutenção ou erradicação de assimetrias nas relações de gênero.

O protagonista, Genly Ai, é enviado da Terra ao planeta Gethen com a missão de convencer suas duas mais importantes nações (Karhide e Orgoreyn) a participar do Ekumen - um mundo tecnológico e avançado que há muito superou noções de divisão política em estados independentes. Genly Ai é apoiado em Gethen por Estraven, que (do nosso ponto de vista) perde poder, respeito e mesmo sua vida ao tornar essa união possível. Neste sentido, o romance tem como tema central a amizade, a lealdade e a aceitação de diferenças, mas num outro sentido é também uma tentativa de pensar sem dualismos, de apagar as dicotomias entre passado e futuro, ordem e desordem, masculino e feminino, claro e escuro, vida e morte - enfim, as dicotomias que informam a filosofia ocidental. Para que a missão de Genly Ai possa ser bem sucedida, por exemplo, é preciso eliminar uma série de separações políticas entre as nações de Karhide e Orgoreyn, que representam, enquanto nações, os princípios opostos de "cor, cólera e paixão" (101) e de "fluidez e insubstancialidade" (127).

Mas se política e tecnologicamente o Ekumen oferece uma alternativa utópica ao povo de Gethen, em termos de desenvolvimento humano são eles que nos oferecem a visão mais altamente utópica. Em Gethen é sempre Ano 1, com os acontecimentos do passado e do futuro sendo datados a partir do presente. O progresso é menos importante que a Presença (48) e o mais alto estado a ser alcançado é a capacidade de "ver por inteiro" (175), já que para eles "a luz é a mão esquerda do escuro e o escuro a mão direita da luz" (199).

Sexualmente, os habitantes de Gethen não são nem homens nem mulheres, embora possam ser ambos. Conforme explicado em um dos muitos "documentos oficiais" que fazem parte da narrativa, o indivíduo permanece sexualmente latente 21 ou 22 dias durante o mês. Uma vez por mês, seguindo o ciclo lunar, alterações hormonais fazem com que características sexuais se manifestem. Mas o indivíduo nunca sabe se estas características serão masculinas ou femininas. No caso de engravidar, a sexualidade permanece feminina durante a gestação e a amamentação; após este período a androginia latente é restabelecida. Desta forma, nenhum hábito fisiológico é estabelecido e a mesma pessoa pode ser mãe de vários filhos e pai de vários outros (82-84).

As consequências desta interessante e inusitada especulação sobre a sexualidade são extremamente importantes para uma crítica das relações de gênero em nossa sociedade. Em primeiro lugar, o fato de que qualquer pessoa está sujeita a engravidar coloca homens e mulheres na mesma situação - seja ela considerada um problema ou um privilégio. Ninguém é mais livre ou mais responsável do que ninguém. Além disso, a relação psicosssexual entre pais/mães e filhos/as (problema que motivou grande parte dos estudos feministas na década de 70; Chodorow e Dinnerstein, por exemplo) deixa de existir, eliminando muitos dos mitos que informam e deformam nossas relações de gênero, como o complexo de Édipo, a inveja do pênis, e muitos outros. Fora do modelo conhecido de interação sócio-sexual, os habitantes de Gethen passam a ser vistos não como homens e mulhe-

res, mas como seres humanos. O que não deixa de criar situações interessantes, como o fato de o Rei estar grávido (1).

O cuidado e a educação dos filhos em Gethen envolvem 25 a 30% da população adulta. Embora o instinto "maternal" varie de uma pessoa para outra, ele não está ligado ao sexo, isto é, não pode haver diferença entre instinto materno e instinto paterno. O que se percebe na visão altamente especulativa de LeGuin é a tendência de difundir a maternidade a toda a humanidade. Ao propor uma biologia que anularia a separação entre masculino e feminino, faz com que a maternidade, embora não eliminada, deixe de ter uma função diferenciadora em termos psicossociais e sócio-culturais. Desconstruem-se, desta forma, os pressupostos teóricos das diferenças de gênero. Na terminologia de Adrienne Rich, a maternidade é desmantelada enquanto instituição para ser afirmada enquanto experiência. Ao abrir caminho para se repensar a maternidade de uma perspectiva diferente, a narrativa cria um espaço metafórico em que a androginia cultural pode ser concebida e, para alguns de nós, desejada. Usando as palavras do protagonista Genly Ai em seu primeiro relatório: "A verdade é uma questão de imaginação. O mais sólido fato pode ser construído ou destruído pelo modo com que é narrado..." (9; tradução minha).

Explicitamente e até mesmo agressivamente feminista, muito mais complexo do que a fantasia de LeGuin, *The Female Man* de Joanna Russ oferece-nos várias versões de feminilidade e de relações de gênero. As quatro protagonistas - Janet, Jeannine, Joanna e Jael (que são na verdade diferentes versões da mesma mulher) - revezam-se na narrativa, formando como que uma rede de críticas e explicações.

Jeannine e Joanna, diferentes versões da mulher do século XX, e Janet, a visitante de um mundo só de mulheres denominado *Whileaway*, são reunidas por Jael, uma agressiva assassina de um futuro não tão distante, polarizado em duas facções: o mundo dos homens (*Manland*) e o mundo das mulheres (*Womanland*). Determinadas por formações sociais distintas, as quatro protagonistas analisam os valores apresentados pelas companheiras e, neste processo, desvendam para o/a leitor/a uma série de estranhas possibilidades.

Começando com Joanna, que recebe a voz autoral da narrativa, encontramos uma sociedade bastante semelhante à nossa, onde novos papéis sociais começam a estar disponíveis para a mulher através da emergência do feminismo. A seguir nos deparamos com o arranjo patriarcal do mundo de Jeannine, onde a ideologia do romance (a heroína passiva sendo resgatada de sua solidão pelo príncipe encantado) tem papel preponderante. Em contraste a esses dois mundos do "presente", colocam-se dois possíveis mundos do "futuro": a organização separatista de Jael e o mundo só de mulheres de Janet. Embora tenhamos algumas indicações de que o mundo de Janet (*Whileaway*) só foi possível depois que as contemporâneas de Jael assassinaram todos os homens, para fins de análise comparativa estaremos tratando os dois mundos como conseqüências alternativas da erradicação das relações de gênero que conhecemos.

Jeannine sente-se muito atraída pela idéia de casamento. Uma bibliotecária de 29 anos, mora sozinha em um apartamento em Nova York, com um gato e uma planta de estimação, esperando que algo aconteça em sua vida. É o protótipo do ideal de imanência reconhecido por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. Acredita na intuição feminina, bem como no

seu papel maternal em relação a homens e crianças. Mas, ecoando o refrão de Betty Friedan em *The Feminine Mystique*, está sempre a exclamar: "Tenho tudo o que quero e não me sinto feliz" (150).

Também não é feliz sua versão feminista, Joanna, o homem-mulher que dá o título ao romance. Bem sucedida e inteligente, não consegue conciliar sua vida profissional (homem) com seu corpo (mulher): "Não sou uma mulher; sou um homem. Sou um homem com cara de mulher. Sou uma mulher com a mente de um homem" (134). Rejeitando totalmente o *script* da feminilidade mas sentindo-se ainda sub-humana como a fêmea da espécie, decide resolver o conflito entre tendências opostas tomando para si tanto "the burden of knowledge" (o fardo do saber) quanto "the burden of compassion" (o fardo da compaixão) (202). Sobre a maternidade enquanto atividade doméstica, Joanna endossa com ironia a visão feminista contemporânea:

"As mães devem se sacrificar pelos filhos, sejam eles homens ou mulheres, para que sejam felizes ao crescer; embora as próprias mães tenham um dia sido crianças por quem as mães se sacrificaram para que pudessem crescer e se sacrificar; e quando as filhas crescerem, também elas serão mães e se sacrificarão por seus filhos, de forma que a gente começa a se perguntar se tudo isso não passa de um complô para tornar o mundo tranquilo para os filhos (homens, isto é). Mesmo assim a maternidade é sagrada e não deve ser discutida" (204; tradução minha)".

No mundo de Jael a dicotomia entre homens e mulheres assume proporções extremas, permitindo verdadeiras paródias de masculinidade e feminilidade em termos de comportamento social.

Os habitantes de Manland andam sempre armados, são fascinados pela gravidez, acreditam que suas "mulheres" (produzidas através de cirurgia para alteração de sexo) têm função civilizadora. A maternidade é denominada "alegria do útero" e é considerada absolutamente compatível com "a natureza emocional feminina" (179). Descrevendo a si mesma como uma mulher independente e bem sucedida, Jael, no entanto, está longe de representar a visão idealizada dos homens de Manland. Orgulhosa de seu poder e de sua racionalidade (é também conhecida como Alice Reasoner), não tem os problemas de Joanna ao afirmar seu corpo de mulher. Mas sua agressividade e ausência de compaixão lhe conferem uma característica bastante negativa no contexto formado pelas quatro protagonistas.

Para uma versão mais positiva da mulher do futuro devemos olhar para Janet e seu planeta Whileaway - o futuro sem homens, onde os estereótipos são coisa do passado. Como percebemos logo de início através da apresentação de Janet, as características masculinas e femininas parecem ter sido fundidas nas mulheres de Whileaway:

"Nasci numa fazenda em Whileaway. Aos cinco anos fui enviada à escola... e quando fiz doze anos voltei para minha família. Minha mãe se chamava Eva, minha outra mãe Alicia. Meu nome é Janet Evanson. Aos treze anos ataquei e matei um lobo, sozinha... Já trabalhei nas minas, numa emissora de rádio, numa granja leiteira e por seis semanas numa biblioteca, quando estava com a perna quebrada. Aos 30 anos tive Yuriko Janetson... Adoro minha filha. Adoro minha família (somos 19 ao todo). Adoro minha mulher (Vittoria). Já lutei dois duelos. Já matei quatro vezes". (1-2; minha tradução).

Embora predominantemente agrária, *Whileaway* é uma sociedade avançada na medida em que segue o ritmo natural dos fenômenos e das pessoas: é uma sociedade "em trânsito". Como na maioria das sociedades utópicas, tudo pertence a todas. A maternidade é vista como férias da rotina diária, um período para se divertir e aproveitar a vida. Mas a ligação entre mães e filhas é cedo quebrada, já que aos quatro ou cinco anos se inicia a educação formal. A separação é difícil para ambas, informa Janet: para a criança, porque é retirada do convívio da mãe; para a mãe, porque deve voltar ao trabalho.

Engravidar, entretanto, não é apenas uma escolha pessoal. As mulheres têm suas filhas aos 30 anos, geralmente apenas uma, ou gêmeas, se a pressão demográfica assim exigir. A mãe genotípica ou biológica empresta seu corpo para a gestação; a outra contribui com o segundo óvulo para a concepção (49). Assim, apesar de ser um mundo só de mulheres, *Whileaway* tem várias semelhanças com o planeta Gethen de Ursula LeGuin. Não há polaridades de gênero ou de função social. A mesma mulher pode ser mãe biológica de uma criança e mãe genética de outra. Além disso o cuidado das crianças é temporário e a unidade familiar independe da reprodução ou da biologia para existir.

De forma semelhante a *The Female Man*, a sociedade futura apresentada por Marge Piercy em *Woman on the Edge of Time* também incorpora valores feministas não adotados na sociedade do presente.

Junto com a protagonista Connie Ramos, somos constantemente transportadas da Nova York contemporânea para a Mattapoissett do ano 2137. Junto com a protagonista, vivenciamos as desigualdades de raça, classe e gênero que transformam sua busca de integridade numa luta constante. Viúva, desempregada, sem poder cuidar da filha colocada numa outra família, Connie se sente culpada por ser mãe:

"... de repente entendeu que ter um filho era um crime... que tinha dado à luz a si mesma novamente, e que era um crime nascer pobre e nascer de pele escura. Tinha feito com que uma outra mulher crescesse no mesmo lugar onde havia crescido, e que isso era um crime" (62).

Confinada em uma instituição para doentes mentais por ter agredido o namorado de sua sobrinha, Connie começa a ter ausências durante as quais é transportada para o futuro em Mattapoissett. Seu guia é Luciente, uma mulher de aspecto andrógino personificando a própria Connie em outra situação. Na verdade, se analisarmos bem a sociedade futura e seus habitantes, constatamos que se trata de uma versão ideal do presente, de uma representação de como poderíamos viver sem preconceitos e sem estruturas de poder.

Mattapoissett apresenta a maioria das práticas advocadas pelos movimentos radicais dos anos 60. É igualitária, pacifista, ecológica. A tecnologia é avançada mas não desumanizada; práticas esotéricas convivem com o conhecimento científico.

Embora as diferenças sexuais não tenham sido erradicadas, a reprodução é extra-uterina. A partir de material genético armazenado em laboratórios, embriões são gerados num grande útero artificial sempre que a manutenção do equilíbrio populacional assim o exigir. Observa-se a diversidade racial e sexual para que não haja predomínio de um grupo sobre outro.

O cuidado das crianças é comunitário, mas o "maternar", função tradicional da mãe, é empreendido por um grupo de três adultos, de qualquer sexo ou idade, que estabelecem uma espécie de família temporária até que a criança alcance a puberdade. Estas "mães", ou "co-mothers" como são chamadas, não devem se envolver emocionalmente entre si para que a criança não se veja envolvida "nos desentendimentos do amor" (74). A amamentação, que pode ser artificialmente provocada também nos homens, é voluntária e pode ser compartilhada por duas ou mais das "mães". Elimina-se desta forma a estrutura binária e assimétrica da família nuclear patriarcal, com a mulher se responsabilizando pelo maternar e pelo espaço doméstico.

Revoltada com o que considera uma invasão do espaço feminino e uma diminuição do poder da mulher, Connie ouve de Luciente a seguinte explicação:

"Foi uma consequência da longa revolução feminista. Da época em que quebramos todas as hierarquias. Finalmente chegamos ao ponto de ter que abrir mão do único poder que tínhamos tido para que não houvesse mais poder para ninguém. Pois enquanto estivéssemos presas à biologia, nunca seríamos iguais. E os homens nunca se humanizariam, tornando-se amáveis e carinhosos. Então nos tornamos todos "mães". Cada criança tem três. Para quebrar o contrato nuclear". (105; tradução minha).

Portanto, ao eliminar as diferenças sexualmente determinadas e ao erradicar a maternidade biológica em seu futuro utópico, Marge Piercy consegue criar um mundo não marcado pelo gênero de homens e mulheres. Enquanto que na Gethen de LeGuin a igualdade é obtida através da extensão da maternidade biológica a todos os seres humanos, e na *Whiteaway* de Russ as diferenças genéricas desaparecem com a eliminação do masculino e a apropriação pelas mulheres das qualidades ditas masculinas, na *Mattapoisett* de Piercy as diferenças biológicas deixam de ser importantes e, paradoxalmente, todos podem exercer a maternidade porque ninguém mais é mãe.

Ao imaginar formações sociais que enfatizam a questão da reprodução e da dimensão social e psicológica da maternidade, os três romances aqui discutidos refletem a intervenção teórica do feminismo dos anos 60-70 na busca de uma nova racionalidade capaz de unir "o cuidado e a estratégia, o passado e o futuro, o consciente e inconsciente" (Maroney, 1986:404). E, acrescento eu, o feminino e o masculino.

Mas, ao minimizar a importância da maternidade enquanto fato biológico, estas utopias de certa forma negam a especificidade da experiência da mulher. Não seria a afirmação da diferença uma outra maneira de estabelecer o equilíbrio entre o poder social de homens e mulheres?

Mais recentemente começa a surgir uma tendência dentro do feminismo, denominada ecofeminismo, que busca restaurar a conexão entre a mulher e a natureza, e assim passa a re-valorizar a maternidade biológica. É nesse sentido que os romances de Dorothy Bryant e Sally Miller Gearhart vêm acrescentar novas perspectivas às utopias até aqui discutidas.

Em comparação com as três utopias já analisadas, podemos dizer que *The Kin of Ata Waiting for You* é ao mesmo tempo mais conservadora e mais arrojada. É mais tradicional no sentido estrutural, uma vez que segue o modelo de viagem e regresso, sem complicações narrativas. E é mais radical

pelo fato de transformar a viagem numa busca mística no interior do inconsciente.

Num pesadelo enquanto drogado, onde a realidade e o sonho se misturam, o protagonista e narrador, um escritor de *best-sellers* sensacionalistas, acaba por assassinar uma mulher que muito se assemelha às que povoam suas estórias. Tentando fugir, é envolvido num acidente e acaba inconsciente, acordando na ilha de Ata entre seres estranhos e, ao que parece, primitivos.

As práticas sociais em Ata são radicalmente diferentes das de nosso mundo tecnológico e competitivo. Organizados em grupos de doze pessoas, trajando túnicas que mascaram sua identidade sexual, os habitantes de Ata cultivam os campos, compartilham seus poucos bens materiais e, o que é mais importante, vivem apenas para seus sonhos. Não existe diferenciação entre os papéis sociais de homens e mulheres. Embora sejam as mulheres que amamentam, nos estágios posteriores todos se responsabilizam pelo cuidado das crianças, que pertencem à comunidade como um todo e circulam pelas várias "famílias".

Durante o parto, a mulher é acompanhada pelos homens com quem mantém relações sexuais (os pais em potencial) e assistida por toda a comunidade. Conforme explica um dos habitantes de Ata:

"Tentamos passar a ela um pouco de nossas forças. Tentamos fazer com que se sinta feliz e saiba que uma vez terminado o parto ela não mais terá que carregar sozinha a responsabilidade pela criança... Pelo menos podemos lhe dar o calor de nossos corpos rodeando-a neste momento". (149; tradução minha).

Na melhor tradição do gênero utópico, o protagonista progressivamente se converte às práticas sociais de Ata e acaba estabelecendo um relacionamento mais íntimo com Augustine, que lhe ensina a alcançar o estado do sonho, objetivo maior da existência na ilha. Para que tal aconteça o protagonista deve, entretanto, aceitar sua *anima*, na qual projeta todas as mulheres que havia explorado e rejeitado até então. Há uma verdadeira conversão espiritual em que a misoginia dá lugar ao princípio feminino, na busca da perfeição.

Mesmo arriscando retomar uma posição essencialista em relação ao "feminino", temos que reconhecer que o romance de Dorothy Bryant ilustra uma crescente tendência dentro do feminismo atual de reavaliar e revalorizar aqueles aspectos da feminilidade que eram tradicionalmente considerados "inferiores" por associar a mulher com a natureza e distanciar a da cultura: intuição, irracionalidade, ausência de agressividade, etc. A sociedade de Ata, anárquica em sua organização intuitiva, valorizando o costume sobre a lei, não-hierárquica ou polarizada, não deixa de se configurar como uma visão feminina. A viagem do narrador, uma espécie de peregrinação em busca de sua humanidade, só pode ser concluída pela aceitação da mulher. Neste sentido, o romance não é feminista e sim "feminilista".

Em sua utopia ecofeminista *The Wanderground*, Sally Miller Gearhart vai ainda mais longe do que Bryant na concepção de um mundo exclusivamente feminino onde a competição e a ambição inexistem. Do mesmo modo que Bryant se utiliza do sonho como uma fonte pré-verbal de poder, Gearhart usa a memória como arma contra o patriarcado. Conforme comenta o crítico Mario Klarer, "Re-membering is part of the general regressive

move in the novel toward more primitive and ecological, and thus more powerful, modes of being" (319).

Estruturado através de várias narrativas pessoais, estórias das mulheres das montanhas, o romance apresenta a vida cotidiana de uma comunidade separatista formada por mulheres que escaparam da opressão de uma sociedade patriarcal e misógina. Longe da "Cidade", vivem em estreito contato com o mundo natural, do qual extraem sua energia vital. A partir desta relação primordial com a natureza, essas mulheres revertem a um estado pré-verbal, desenvolvendo formas de comunicação telepática que prescindem da palavra falada ou escrita.

Atribuindo qualidades femininas à Natureza, Gearhart segue a tradição mística de um mundo referido ao gênero, onde toda vida emana da Mãe. A procriação em *The Wanderground* tem início com o ritual do "implante" que ocorre no fundo da terra, numa caverna em forma de útero. Da mesma forma que determina a continuação da espécie pela reprodução natural do sexo feminino, a natureza, revoltada com a exploração dos homens, torna-os impotentes fora dos muros da Cidade.

Nada parece mais distante da erradicação da maternidade biológica do que estes dois últimos romances utópicos. Embora aparentemente em conflito com a teoria feminista contemporânea que busca igualdade em todos os níveis, ao colocar a maternidade e a natureza feminina no centro do debate sobre gênero, esta posição adotada por Gearhart e Bryant pode contribuir bastante para uma nova contestação das oposições binárias do discurso patriarcal ao inverterem a hierarquia de poder entre os sexos.

Além disso, a crescente ênfase na maternidade tanto dentro quanto fora da família nuclear heterossexual coloca em xeque a questão das tecnologias reprodutivas que vêm sendo desenvolvidas pelo meio científico predominantemente masculino. Ao adentrarmos a década de 80, vemos que a maternidade cada vez mais se desvencilha de seu caráter institucional para se constituir numa experiência opcional e coletiva de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBINSKI, Nan Bowman. Utopia Reconsidered: Women Novelists and Nineteenth-Century Utopian Visions. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 13,14 (1988):830-41.
- ARMITT, Lucie (ed). *Where No Man Has Gone Before: Women and Science Fiction*. New York, London, Routledge, 1991.
- BAMMER, Angelika. *Partial Visions: Feminism and Utopianism in the 1970s*. New York, London, Routledge, 1991.
- BARR, Marleen S.. *Alien to Femininity: Speculative Fiction and Feminist Theory*. Westport, CT: Greenwood Press, 1987.
- _____(ed). *Future Females: A Critical Anthology*. Bowling Green State U Popular Press, 1981.
- BARTKOWSKI, Frances. *Feminist Utopias* U. Nebraska Press, 1989.
- BATSLEER, Janet et al. *Rewriting English: Cultural Politics of Gender and Class* New York: Methuen, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex* (1949). Trans. H.M Parshley. New York: Knopf, 1952.
- BELLAMY, Edwar. *Looking Backward, 2000-1887* (1988). New York: Signet, 1960.
- BELSEY, Catherine. *Critical Practice*. New York: Methuen, 1980.

- _____. *Constructing the Subject· Deconstructing the Text*. In *Feminist Criticism and Social Change*, eds Newton & Rosenfelt. New York. Methuen, 1985.
- BROWNMILLER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. New York: Simon and Schuster, 1975.
- BROWNSTEIN, Rachel M. *Becoming a Heroine: Reading about Women in Novels*. New York. Penguin, 1982.
- BRYANT, Dorothy. *The Kin of Ata Are Waiting for You*. New York: Ramdon House, 1971.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble Feminism and the Subversion of Identity*. New York, London: Routledge, 1990.
- CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. U. California Press, 1978.
- CORNILLON, Susan K. (ed) *Images of Women in Fiction· Feminist Perspectives*. Bowling Green U , Popular Press, 1972.
- COWARD, Rosalind & ELLIS, John. *Language and Materialism. Developments in Semiology and the Theory of the Subject*. New York, London: Routledge & Kegan Paul, 1977.
- CRANNY-FRANCIS, Anne. *Feminist Fiction· Feminist Uses of Generic Fiction*. New York: St. Martin's Press, 1990.
- CUNHA, Franklin. Os Signos Femininos. Porto Alegre,RS: Zero Hora, 18 de outubro de 1991, p.4
- DALY, Brenda O. & REDDY, Maureen T. (eds). *Narratin' Mothers· Theorizing Maternal Subjetctivities*. U. Tennessee Press, 1991.
- DALY, Mary. *Gyn/Ecology*. The Mateathics of Radical Feminism. Boston· Beacon Press, 1978.
- LAURETIS, Teresa de. *Alice Doesn't. Feminism, Semiotics, Cinema*. New York· Macmillan, 1984.
- _____. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*. Indiana U Press, 1987.
- DINNERSTEIN, Dorothy. *The Mermaid and the Minotaur: Sexual Arrangements and Human Malaise*. New York: Harper, 1976
- DOCHIN, Anne. *The Future of Mothering* Hypatia 1,2 (1986): 121-37.
- DUPLESSIS, Rachel Balu. The Feminist Apologues of Lessing, Piercy and Russ. *Frontiers* 4,1 (1979):1-8.
- _____. *Writing Beyond the Ending: Narrative Strategies of Twentieth_Century Women Writers*. Indiana U Press, 1985
- EISENSTEIN, Hester. *Contemporary Feminist Thought*. London: Unwin, 1984.
- ENGELS, Frederick *Socialism Utopian and Scientific*. New York: International Publishers, 1935.
- FERGUSON, Ann. *Blood at the Root· Motherhood, Sexuality and Male Dominance*. Londres. Pandora, 1989.
- _____. Motherhood and Sexuality: Some feminist Questions. *Hypatia* 1,2 (1986):_ 3-22.
- FERNS, Chris. Dreams of Freedom: Ideology and Narrative Structure in the Utopian Fictions of Marge Piercy and Ursula LeGuin. *English Studies in Canada* 14,4 (1988). 453-66.
- FETTERLEY, Judith. *The Resisting Reader. A Feminist Approach to American Fiction*. Indiana U Press, 1978.
- FIRESTONE, Shulamith. *The Dialectic of Sex· The Case for Feminist Revolution*. New York: Bantan, 1970.
- FITTING, Peter. Positioning and Closure: On the Reading Effect of Contemporary Utopian Fiction. *Utopian Studies* 1 (1987):23-36.
- _____. Reconsiderations of the Separatist Paradigm in Recent Feminist Science Fiction. *Science Fiction Studies* 19 (1992):32-47.
- FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*. New York: Dell, 1963.
- FRYE, Northrop. *The Anatomy of Criticism* Four Essays. Princeton U Press, 1957.
- _____. Varieties of Literary Utopias. In. *Utopias and Utopian Thought*, ed. F.E Manuel. Houghton Mifflin, 1966
- GEARHART, Sallu Miller *The Wanderground Stories of the Hill Women*. Boston: Alyson, 1979.

- GILLIGAN, Carol. In: *A Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Harvard U Press, 1982.
- GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. Yale U Press, 1979.
- GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland* (1915). New York: Pantheon, 1979.
- _____. *Women and Economics* (1898). New York: Harper & Row, 1966.
- HAMILTON, Roberta & BARRET, Michele (eds.). *The Politics of Diversity: Feminism, Marxism and Nationalism*. London: Verso, 1986.
- HOLLINGER, Veronica. Feminist Science Fiction: Breaking Up the Subject. *Extrapolation* 31,3 (1990):229-39.
- HOLLWAY, Wendy. Gender Difference and the Production of Subjectivity. In: *Changing the Subject*, eds Henriques et al. New York. Methuen, 1984.
- JACOBS, Naomi. Beyond Stasis and Symmetry: Lessing, LeGuin, and the Remodeling of Utopia. *Extrapolation* 29,1 (1988):34-45.
- JARDINE, Alice. *Gynesis. Configurations of Woman and Modernity*. Cornell U Press, 1985.
- JAMESON, Frederic. *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*. Cornell U Press, 1981.
- KAPLAN, E. Ann. *Motherhood and Representation: The Mother in Popular Culture and Melodrama*. New York, London: Routledge, 1992.
- KEINHORST, Annette. Emancipatory Projection: An Introduction to Women's Critical Utopias. *Women's Studies* 14 (1987):91-99.
- KESSLER, Carol Farley. Woman on the Edge of Time: A Novel To Be of Use. *Extrapolations* 28,4 (1987):310-18.
- KLARER, Mario. Re-Membering Men Dis-Membered in Sally Miller Gearhart's Ecofeminist Utopia *The Wanderground*. *Extrapolation* 32,4 (1991):319-30.
- KOLMERTEN, Carol. Texts and Contexts. American Woman Envision Utopia, 1890-1919. Paper presented at the VII Jornada da ABEA (May 20-23, 1992) Em Recife, Brasil.
- LAZARO, Reyers. Feminism and Motherhood: O'Brien vs Beauvoir. *Hypatia* 1,2 (1986):87-102.
- LEFANU, Sarah. *Feminism and Science Fiction*. Indiana U Press, 1988.
- LEGUIN, Ursula. *The Left Hand of Darkness*. New York: Macdonald & Co., 1969.
- _____. *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Grove Press, 1989.
- MANUEL, Frank E. (ed.). *Utopias and Utopian Thought*. Boston: Beacon Press, 1967.
- MARONEY, Heather Jon. Embracing Motherhood. New Feminist Theory. In *The Politics of Diversity*, eds Hamilton & Barret. London: Verso, 1986.
- MILLETT, Kate. *Sexual Politics*. New York: Ballantine, 1970
- MITCHELL, Juliet. *Woman's Estate*. New York. Pantheon, 1971.
- _____. *Women: The Longest Revolution*. New York: Pantheon, 1984.
- MOERS, Elle. *Literary Women: The Great Writers*. New York: Anchor, 1976.
- MOYLAN, Tom. Beyond Negation: The Critical Utopias of Ursula LeGuin and Samuel R. Delany. *Extrapolation* 21,3 (1980):236-53.
- MORE, Patrick D. Feminism Faces the Fantastic. *Women's Studies* 14 (1987):81-90.
- NEWTON, Judith & ROSENFELT, Deborah (eds.). *Feminist Criticism and Social Change: Sex, Class and Race in Literature and Culture*. New York. Methuen, 1985.
- O'BRIEN, Mary. *The Politics of Reproduction*. New York, London: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- PALUMBO, Donald (ed.,). *Erotic Universe: Sexuality and Fantastic Literature*. Westport, CT: Greenwood Press, 1986.
- PEARSON, Carol. Coming Home: Four Feminist Utopias and Patriarchal Experience. In *Future Females*, ed. Marleen Barr. Bowling Green, 1981
- _____. Women's Fantasies and Feminist Utopias. *Frontiers: A Journal of Women's Studies* 2,3 (1977):50-60.
- PIERCY, Marge. *Woman on the Edge of Time*. New York. Ballantine, 1976.
- PIZAN, Christine de. *The Book of the City Ladies* (1405). Trans., E.J Richards. New York: Persea Books, 1982.
- PLATO. *The Republic*. Trans. Desmond Lee. New York. Penguin, 1974.

- RICH, Adrienne. *Blood, Bread and Poetry*. Selected Prose, 1979-1985. New York: Norton, 1986.
- _____. *On Lies, Secrets, and Silence*: Selected Prose, 1966-1978. New York: Norton, 1979.
- _____. *Of Woman Born*. Motherhood as Experience and Institution. New York: Norton, 1976.
- ROWBOTHAN, Sheila. *Woman's Consciousness, Man's World*. New York: Penguin, 1973.
- RUDDICK, Sara. *Maternal Thinking*. Boston: Beacon Press, 1989.
- RUSS, Joanna. *The Female Man*. London: The Women's Press, 1975.
- _____. Recent Feminist Utopias. In *Future Females*, ed. Marleen Barr. Bowling Green U Press, 1981.
- _____. What Can a Heroine Do? Or Why Women Can't Write. In *Images of Women in Fiction*, ed. Susan K. Cornillon, Bowling Green U Press, 1972.
- SALAZAR, Claudia Lima. Personal Narratives and Subject-Positions: The Uses of Life-Histories in the Study of Ideological Interpellations. Mimeo, n.d.
- SARGENT, Lyman Tower. Ambiguous Legacy. The Role and Position of Women in the English Utopia. *Extrapolation* 19,1 (1978) 39-49.
- SHOWALTER, Elaine. *Sexual Anarchy: Gender and Culture at the Fin de Siecle*. London. Virago, 1990
- _____. (ed.). *The New Feminist Criticism*. Essays on Women, Literature and Theory. New York: Pantheon, 1985.
- SMITH, Paul. *Discerning the Subject*. U Minnesota Press, 1988
- SPECTOR, Judith. The Functions of Sexuality in the Science Fiction of Russ, Piercy and LeGuin. In *Erotic Universe*, ed. Donald Palumbo. Westport, CT: Greenwood, 1986.
- STEEDMAN, Carolyn Kay. *Landscape for a Good Woman: A Story of Two Lives*. Rutgers U Press, 1986.
- WAGAR, Warren W. Utopian Studies and Utopian Thought: Definitions and Horizons. *Extrapolation* 19,1 (1977): 4-12
- WEED, Elizabeth (ed.). *Coming to Terms. Feminism, Theory, Politics*. New York, London: Routledge, 1989.
- WEEDON, Chris. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. New York: Basil Blackwell, 1987.
- WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and Its Discontents* Meanings, Myths and Modern Sexualities. New York: Routledge, 1985.
- WILLIAMS, Raymond. *Towards 2000* New York: Chatto & Windus, 1983.
- WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. New York: Grafton, 1929.

Por que homens e mulheres matam?



Em Assassinato e loucura, primeiro livro da coleção *Gênero Plural*, a historiadora Ruth Harris, de Oxford, analisa as teorias psiquiátricas e sociológicas do *fin de siècle* que estruturaram a nova criminologia.

UM LANÇAMENTO ROCCO